**Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade**

*Telles, V. da S. (2006). Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas.*

Vinícius de Souza Mendes

Doutorando do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: vinicius.mendes@alumni.usp.br

**Contextualização**

O percurso intelectual de Vera Telles é marcado por atravessamentos. Sua dissertação de Mestrado, em diálogo com sua atuação no movimento sindical do ABC Paulista, no fim da década de 1970, articulou percepções sociológicas relevantes sobre as mobilizações populares, os movimentos sociais e aquele período ainda de ditadura militar. Já sua tese de Doutorado, defendida nos anos 1990 reuniu, da mesma forma, uma série de questões ainda em aberto na sociologia brasileira, como classes populares, pobreza e a inevitável “questão do trabalho”, com a figura do “trabalhador” em primeiro plano. Sob o prisma do presente, porém, é interessante notar como a tese já tem, no título, a palavra “urbano” – dos anos 2000 em diante, Telles se debruçou para sempre sobre essas relações tecidas nos espaços, como gosta de dizer, da cidade.

É de lá para cá que se situam boa parte dos textos mais conhecidos hoje, articulando questões que permanecem centrais à sociologia, como os impactos urbanos da reestruturação produtiva local e global, as reorganizações sociais e, principalmente, as dinâmicas macro e micro (ou “microcenas”, como ela escreve) da cidade vistas a partir dos próprios dilemas dos seus sujeitos.

Talvez o resultado mais bem acabado de toda essa reflexão seja, justamente, o livro *Nas Tramas da cidade,* publicado em 2006 pela Humanitas e organizado em parceria com o sociólogo Robert Cabanes, então diretor do Institut de Recherche pour le Développement (IRD), um dos principais centros de pesquisa da França, país com o qual Vera Telles tem uma relação intrínseca. É curioso que quase todos os textos do livro são assinados pela própria Telles ou dela com outros pesquisadores, baseados em um estudo qualitativo de longa duração que ela empreendeu com centenas de famílias das zonas Sul e Leste de São Paulo, como, por exemplo, *Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade* – que, como se verá a seguir, mistura um certo caráter teórico-metodológico com uma rica descrição de campo.

Além dela, aparecem no livro ainda autores como Daniel Hirata, hoje especialista em segurança pública e professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Rio de Janeiro, e José César de Magalhães Jr., então orientando de Telles e que, hoje, é professor das Faculdades de Campinas (FACAMP).

Desde aquele período, Vera também é professora do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.

**Objeto e enfoque**

O mais óbvio seria dizer que o objeto de pesquisa de Telles, no texto selecionado, é a cidade – e que seu enfoque está na forma como ela é experimentada a partir de lógicas que só parecem superficialmente contrapostas, como os conflitos e os acordos, os percursos e os entraves, as legalidades e ilegalidades.

As “tramas”, que estão no título e aparecem aqui e acolá ao longo do artigo, são mais do que uma palavra capaz de condensar tudo, mas, na minha leitura, um primeiro conceito que ajuda a ver sociologicamente como a cidade é, antes de um lugar, **uma imensa cadeia de acontecimentos, práticas, histórias, que vão do individual ao social e, assim, constituem verdadeiramente o “urbano”**. É o que permite à autora fazer uma ruptura, por exemplo, com a literatura tradicional em observar como um conjunto mais ou menos articulado, mas ainda assim, separado, de diferentes realidades, como a riqueza e a pobreza, a distância e a proximidade do “centro” (p. 71). No novo sentido dado por ela, tudo depende da forma como os sujeitos articulam histórias e percursos. É sintomático que muitos trabalhos posteriores, como o de Segura (2014), por exemplo, tenham ido na mesma direção, mesmo em contextos diferentes do paulistano.

Para operacionalizar a forma de observar bem essas tramas, Vera enriquece a sociologia (urbana, mas também a disciplina em si) com uma série de outros conceitos fundamentais para compreender – ou ao mesmo colocar em relação – o que é a cidade. É o caso, por exemplo, do atravessamento entre *tempos biográficos,* alçados para descrever trajetórias e histórias de vida dos sujeitos, e como eles vão compondo diferentes apreensões e experiências da cidade ou de partes dela, e *tempos sociais,* cujas lógicas estão muito mais entremeadas às grandes mudanças das quais o urbano é palco e ator. Ambos os tempos ficam mais evidentes quando a autora traz ao texto os interlocutores daquele passado que ela viveu, nos anos 1970, quando São Paulo era marcada pela narrativa do “progresso”, e os contrapõe aos jovens das duas décadas seguintes, quando a metrópole era o reflexo de um certo fracasso daquele projeto.

O importante é que o resultado disso são, do ponto de vista teórico, *eventos* sociais de diferentes tonalidades: os conflitos, as tensões, os bloqueios (ou fricções, no paradigma das mobilidades), as possibilidades, que alargam, de alguma forma, a ideia de fluxos, e toda uma miríade de processos que “modulam” a vida urbana (p. 74). Não seria uma nova forma de adentrar na velha dicotomia sociológica entre agência e estrutura, mas pelo prisma da cidade?

Para além dos novos conceitos, Telles recodifica outros já existentes – como consequência inevitável. É o caso de *território,* por exemplo, que foge à concepção rígida que permeou boa parte da literatura sociológica de um passado não tão distante, e que no texto aparece, de forma interessantíssima, como um resultado dos *percursos.* É neles que toda sorte do social acontece, já que é realizando-os que os “indivíduos e famílias” (p. 71) não só agem efetivamente como se deparam como seus “bloqueios e possibilidades” (idem). O conjunto de percursos é que constitui o território – e, então, não há território de antemão, mas um dado da realidade que só pode ser apreendido pelas lentes de cada pesquisa. Central para entender território é se distanciar das lógicas geográficas de proximidades e distâncias, pensando-o antes como constituições feitas pelos agenciamentos. Ou, em outras palavras, pelos tempos que elaboram a cidade, repletos de práticas, histórias, fricções e fluxos. Eis, então, o próprio social.

O conceito recodificado de *território* ainda serve aos propósitos da pesquisa de *situar* os acontecimentos em um *espaço,* onde esses tempos se cruzam o tempo todo. Por essa ótica, cada estudo é, antes de tudo, *um momento do território,* nunca sua descrição definitiva. Não só: ao situá-los, Telles também permite, metodologicamente, uma comparação entre eles (p. 73), à medida em que os diferentes territórios são palco de “diferentes situações” (idem). Então, *“é no confronto entre as diversas situações que, tal como num prisma, a cidade vai se perfilando nos seus focos de tensão, nos seus campos problemáticos”.*

E como os percursos produzem espaços e territórios? Para Telles, de três formas, pelo menos: pelas *disputas*, materializadas, no texto, pelas ocupações de pedaços vazios de terra urbana – e que, nos tempos biográficos, são registrados pelas famílias e indivíduos que vivem em uma cidade marcada pela adensamento das periferias e pela intensificação da “questão da moradia”, enquanto, nos tempos sociais, dizem respeito às reestruturações produtivas; pelas *temporalidades,* que são ressignificadas à medida em que o mapa urbano vai sendo refeito, seguindo novas tendências dos mercados, do consumo, das políticas e das demandas sociais; e pelo *tempo político,* à medida em que um conjunto de atores articulam práticas que, no final, desaguam em (in)ações das esferas políticas, seja o Estado ou associações que rodeiam sua atuação.

**Orientação à pesquisa**

Uma miríade de elementos do texto de Vera Telles persiste fundamentais à minha pesquisa sobre as festas bolivianas em São Paulo.

Um deles é a afirmação balizar do artigo de que “espaço e tempo estão imbricados em cada evento de mobilidade”, que, por sua vez, é uma citação de um livro do sociólogo Alain Tarrius, bastante trabalhado em pesquisas sobre migrações. É interessante que, possivelmente, a perspectiva do autor original esteja mais vinculada à ideia clássica de *territórios circulatórios,* de forma a perceber como o movimento dos sujeitos atravessa certos espaços sem necessariamente permanecer neles por longos períodos. Um dos orientados de Telles, Tiago Cortês, se vale desse conceito para analisar as próprias oficinas de costura paulistana, cujos trabalhadores precários são agenciados na Bolívia, como territórios circulatórios, por exemplo.

Para minha pesquisa, porém, essa afirmação é valiosa por outra lógica, em que aparece invertida: é que, para mim, *cada evento de mobilidade tem seu próprio espaço e tempo.* Isso fica evidente ao notar como as fraternidades – e as festas – bolivianas em São Paulo elaboram calendários festivos que se prolongam no tempo por uma série de motivações e que, por consequência disso, precisam também se prolongar no espaço. Na minha pesquisa de Mestrado, eu explorei, principalmente, as motivações religiosas desses “ciclos” – e, no atual processo de doutoramento, meu foco tem sido sobre como eles também são informados por demandas econômicas, materializados por movimentos vários (de objetos, de dinheiro, de narrativas políticas) que dependem de atores com capital de rede acumulado para fazê-los se mover. Fato é que, nesse processo, a cidade dos bolivianos se amplia – ou, se valendo do arcabouço conceitual de Telles, **as possibilidades se alargam, os percursos se reconstituem, os tempos biográficos se encontram momentaneamente com os tempos sociais.**

Essa é, aliás, outra contribuição importante do artigo da autora para minha pesquisa, já que, até então, eu raramente havia encontrado um escopo teórico que desse conta dos padrões de mobilidades geracionais dos bolivianos em São Paulo, vistos sob o prisma da festa. Algumas conclusões iniciais me permitem ver como aqueles sujeitos que fizeram parte do primeiro grande fluxo migratório da Bolívia em direção à cidade, nos anos 2000, e que hoje engrossam as fileiras de fraternidades de *danças pesadas,* como as *morenadas,* porque reúnem capital econômico para tal, tendem a circular pelos mesmos espaços já mapeados pelas suas lógicas imanentes do trabalho, como o bairro do Brás, por exemplo. **É como se suas tramas sociais fossem significativamente territorialmente situadas**. Seus filhos – que a literatura chama (problemática) de “segunda geração de migrantes” – se movimentam pelo mapa urbano com menos fricções, o que alguns autores explicam pelo simples fato de serem “brasileiros” e, portanto, saberem manejar símbolos nacionais, estarem inseridos em linguagens próprias da juventude e, principalmente, dominar o idioma local, não dos pais. Fato é que elas dançam em suas próprias fraternidades (as de *caporal*, por exemplo) e estão sempre presentes em festivais interculturais organizados fora da “comunidade”, onde qualquer pessoa que não seja boliviana é vista como “turista”.

O conceito de *tempo biográfico* permite ilustrar esse fenômeno como nenhum outro: não só por colocá-lo em seus próprios termos, levando em consideração como os sujeitos, em suas particularidades, constituem também o que a cidade é, mas principalmente por permitir uma elaboração sociológica da experiência urbana a partir das trajetórias e histórias de vida. O interessante aqui é que o tempo biográfico é individual, mas também social, à medida em que esses tempos são *compartilhados.* Não é trivial que um conjunto muito semelhante de atores, tais como os *morenos* das fraternidades, tenham padrões de circulação por São Paulo também muito parecidos: eles *compartilham seus tempos biográficos,* já que migraram juntos, têm as mesmas ambições, lidam com dilemas semelhantes e, acima de tudo, possuem um referente nacional compartilhado*.* Acontece o mesmo com seus filhos e filhas, mas em outras lógicas. No meio dessa diferença geracional estão os *tempos sociais* da metrópole, atravessados por uma série de transformações que impactaram significativamente na maneira como os migrantes, tais como os bolivianos, experimentam a cidade: seja pelo aprofundamento da precariedade do trabalho na indústria têxtil (Tavares, 2012), seja pela recém-expansão do comércio informal de roupas no Brás, que colocou esses sujeitos também como negociantes momentâneos, seja pelas políticas de reconhecimento ou pela articulação de associações bolivianas com as autoridades municipais, cujo resultado mais impressionante é a organização da festa anual de comemoração da Independência da Bolívia que, em 2023, aconteceu na Praça dos Expedicionários, em Santana, na Zona Norte, e que neste ano será no Sambódromo do Anhembi.

Por fim, o conceito telleniano de *território.* Se está situado no espaço, em uma estratégia metodológica para capturar o *simultâneo,* ele também é conformado por “relações de proximidade” que não se sujeitam ao arcabouço geográfico. Dito de outras palavras, o território é um lugar concreto, mas também abstrato, onde as relações se tecem (multi)situadas. É uma forma interessante de observar a dinâmica das festas bolivianas. De um lado, elas tendem a acontecer em um conjunto não muito grande de locais da cidade, como salões de eventos, praças públicas, galpões privados ou até mesmo lugares construídos apenas para o festivo, como o recém-inaugurado Salón Copacabana, na Zona Norte. De outro, elas circulam pela cidade sempre procurando novos territórios que as recebam, não só por demandas materiais (número de participantes), mas também por simbólicas. É assim que a organização da festa de agosto, chamada de Fe y Cultura, de 2024, que acontecerá no Sambódromo, tem sido narrada pelos bolivianos em São Paulo com expressões como “sonho realizado”. Esse sonho, aliás, não seria a confluência definitiva do *tempo biográfico* e do *tempo* *social*?